

Orlando Gutierrez Presente!

O governo ilegítimo de Janine Añez, que surgiu do golpe de extrema-direita que derrubou Evo Morales e seu partido, o Movimiento al Socialismo, não durou um ano.

Onze meses depois, a retumbante vitória de Luis Arce e David Choquehuanca no primeiro turno das eleições presidenciais foi uma surpresa para muitos. A direita e a ultra-direita se preparavam para unir forças e vencer no segundo turno. Mas se o MAS-IPSP ganhasse com menos de 10% dos votos, eles denunciariam a fraude, como fizeram em novembro de 2019, quando forçaram Evo Morales a renunciar.

Mas a fórmula do MAS-IPSP obteve 55,10% dos votos, Luis Arce e David Choquehuanca foram eleitos presidente e vice-presidente da Bolívia, atrás deles Carlos Mesa, da Comunidad Ciudadana, com menos de 29%, e o “bolsonaro boliviano”, o fascista Luis Fernando Camacho com apenas 14,34% dos votos.

O golpe contra Evo Morales ocorreu em um contexto de violência, onde as gangues fascistas de Camacho queimaram as whipalás (bandeiras do Estado Plurinacional da Bolívia) e espancaram e torturaram militantes e autoridades do MAS, e depois o próprio governo ilegítimo reprimiu de forma selvagem qualquer tentativa de resistência. Os massacres de Sacaba (15 de novembro de 2019, em Cochabamba) e Senkata (El Alto e La Paz, 19 de novembro do mesmo ano) mataram ou feriram dezenas de pessoas.

Apesar da repressão e do surgimento da pandemia da covid-19, a resistência continuou e se espalhou. O governo de Añez, com a intenção de se fortalecer e evitar a todo custo o retorno do MAS ao poder, adiou várias vezes as eleições presidenciais e da Assembléia Nacional. Em julho de 2020 começou uma grande mobilização popular, as mulheres, os camponeses e os jovens trabalhadores exigiam eleições imediatas, democráticas e

inclusivas. Os cortes e bloqueios de estradas foram generalizados... Mas a situação mudou significativamente quando os trabalhadores liderados pela Central Obrera Boliviana e, fundamentalmente, os mineiros, agrupados na Federación Sindical de Trabajadores Mineros de Bolivia, entraram em cena. A COB declarou uma greve geral por tempo indeterminado, até que as eleições fossem realmente realizadas.

Aí estava Orlando Gutiérrez, secretário executivo da FSTMB, atuando como um dos principais líderes da resistência.

A polícia e o exército não foram capazes de reprimir em grande escala, a longa experiência de luta dos mineiros, que sabem manejar dinamite, mostrou seu valor. Os piquetes de autodefesa asseguraram a proteção dos manifestantes e inibiram as provocações e ataques fascistas.

O MAS conseguiu impor, com sua maioria de dois terços no parlamento, a proclamação de uma lei que fixou, de forma inadiável, a data das eleições em 18 de outubro de 2020.

O governo golpista e seus ministros, com a cumplicidade dos grandes meios de comunicação, demonizaram os manifestantes, acusando-os de impedir a entrada de alimentos nas cidades, de parar caminhões carregando oxigênio para pacientes afetados pela covid-19. O então Ministro do Interior, Arturo Murillo (agora fugitivo nos Estados Unidos, com a cumplicidade do governo Bolsonaro, acusado de fraude e desvio de fundos destinados à compra de gás lacrimogêneo e outras armas repressivas), determinou a perseguição dos participantes e líderes dos bloqueios. Ele disse que eles seriam caçados um a um.

Orlando Gutiérrez estava na lista, ele e sua família foram permanentemente ameaçados.

Em 22 de outubro, poucos dias após a esmagadora vitória eleitoral do MAS, um bando de “pititas”, sicários de extrema-direita, o atacaram e bateram nele, principalmente na cabeça,

até ficar inconsciente. Ele foi internado em uma clínica em La Paz, onde morreu seis dias depois. As ameaças dos fascistas tinham sido levadas a cabo.

Esta perda representa um duro golpe para as forças da democracia, para os trabalhadores e para os revolucionários da América Latina.

O menino que trabalhou nas galerias das minas aos 11 anos de idade, o líder mineiro que liderou a ofensiva popular contra o governo golpista, o homem de 35 anos morto em La Paz, Orlando Gutiérrez, com sua curta vida e sua longa trajetória, nos deixa o exemplo de sua luta.

Orlando foi um dos representantes mais lúcidos e capazes da nova geração de líderes populares, daquela juventude que enfrenta o autoritarismo, a injustiça social e a dependência. A direita assassina sabia muito bem para onde estava apontando, contra esses jovens e seus líderes que são seus principais inimigos. Que a vida e a morte de Orlando Gutiérrez sirvam de exemplo para a luta de nossos povos.

Orlando Gutiérrez, presente! Agora e sempre!